

## PAINEL 2

### ERICO VERISSIMO E A CRÍTICA BRASILEIRA

Ir. Elvo Clemente  
(PUCRS)

Dez anos após o passamento de Erico Verissimo, ao celebrar-lhe oitenta anos do nascimento, recordamos o grande contador de histórias, alma de tantas gerações. A recepção e a crítica do romancista é tarefa lisonjeira mas carregada de dificuldades e de complexidade. Restringimos o campo de pesquisa à crítica publicada em livros. A crítica brasileira esteve presente nos quarenta e cinco anos de atividade literária de Erico Verissimo e após a sua morte a obra continua a merecer trabalhos como este que acaba de ser publicado por Wilson Chagas, na Editora Movimento, 1985, sob o título bem significativo: **Mundo velho sem porteira.**

Ação especial desenvolveu Flávio Loureiro Chaves: organizador dos «40 anos de vida literária de Erico Verissimo — **O contador de histórias**» publicado pela Editora Globo em 1972; e do primoroso estudo — **Erico Verissimo: realismo e sociedade**, edição da Globo em 1976. O trabalho de Flávio Loureiro Chaves balizou a crítica brasileira sobre a obra do grande filho de Cruz Alta.

Nesta exposição cuidei de buscar respingar nos livros, a meu alcance, as opiniões de críticos literários de mais renome sobre a obra e a pessoa de Erico Verissimo.

Preocupe-me com a posição de Alceu Amoroso Lima na série de **Estudos**, onde não aparece nenhuma referência à obra de Erico Verissimo, pelo simples fato de serem anteriores a 1930. Depois, na **Introdução à literatura brasileira**, ao descrever o homem do Sul, parece que Tristão de Athayde tivesse em sua presença o autor de **Olhai os lírios do campo**: «A análise psicológica do sulista revela o homem que faz preponderar a razão sobre o coração, a vontade sobre a agitação. É do Sul que vem o espírito de plano e de construção para a nacionalidade» (p. 164).

Em maio de 1974, em entrevista gravada pelos alunos da PUCRJ, transcrita por Gilberto Mendonça Teles no livro **Tristão de Athayde, teoria, crítica e história literária**, assim se exprime o grande e insuperável crítico literário: «Temos romancistas de grande categoria que vão ficar, mas menos representativos de uma Universidade do que representativos de uma região, como Erico Verissimo. Eu o considero um romancista extremamente importante, do ponto de vista regional, de um ponto de vista que não se preocupa com a originalidade de expressão. Por sua vez, o próprio Erico Verissimo também tem repercussões universais» (p. 571). Pelo que se depreende, Alceu Amoroso Lima não era muito entusiasta da obra do escritor de **O tempo e o vento**. Em a **Introdução à literatura brasileira** refere-se ao romancista, de passagem, com uma frase vaga: «Otavio de Faria, Jorge Amado, Erico Verissimo, Gustavo Corção são grandes romancistas que até hoje desdenharam o Conto» (Teles, 1980, p. 545).

De maneira vaga também se refere Manoelito de Ornellas em **O Rio Grande do Sul nas letras do Brasil**: «Entre essa geração magnífica de poetas, romancistas, oradores e ensaístas afirma-se o prestígio internacional de Erico Verissimo, o genial criador de **O tempo e o vento**» (p. 30).

Do mesmo modo, Antonio Quadros, citado por Nelly Novaes Coelho em **Literatura e linguagem**: «Como a tantos da minha geração foram os livros de José Lins do Rego, de Erico Verissimo, de Jorge Amado, de Graciliano Ramos, que me abriram os olhos para a realidade cultural do Brasil» (p. 256).

Nelly Novaes Coelho, no mesmo livro, também genericamente a ele se refere: «Ainda entre as obras de registro histórico que focalizam indistintamente o passado (as raízes que explicam um povo) ou o presente social destacam-se as de Erico Verissimo: a trilogia **O tempo e o vento**; **O continente**, **O retrato** e **O arquipélago** (1949-1962) (p. 307).

Luciana Stegagno Picchio, em **La letteratura brasiliana**, tem uma posição interessante sobre o nosso escritor: «La prosa fino al 1945 appare comunque solo come un esercizio preparatorio della grande prosa narrativa realizzata con **O tempo e o vento**, storia dell'uomo e del paesaggio in un Rio Grande do Sul ben diverso da quello saporoso di storie e di linguaggio gauchesco, presentatoci da Simões Lopes Neto» (p. 537-8).

A professora da Universidade de Roma assim se refere ao último romance: «L'ultima conquista e, per Verissimo, incidente em Antares (1970) che da romanzo di costumi si trans-

forma in traslata meditazione sul tema della morte e dell'intolleranza. Una favola attuale, di grande bellezza e di grande coraggio» (p. 538).

Em **Jornal de Crítica**, 1ª série, Alvaro Lins, em 1941, escreve uma curiosa crítica sobre a obra de Erico Verissimo, em que coloca **Saga** numa situação de inferioridade total: «romance de posição mais que secundária». Recrimina o estardalhaço de publicidade com que o livro foi lançado, que criou antecipadamente para o novo romance um ambiente de expectativa simpática e acolhedora. «A leitura do livro, porém, logo se encarregou de transformar a expectativa numa indisfarçável decepção. Confesso, aliás, que me senti tentado a colocar por cima desta crônica o mesmo título que Anatole France usou para fazer a crítica de um romance de Georges Ohnet: **hors de la littérature**. Mas verifiquei que, sendo merecido para **Saga**, o título era injusto para o Sr. Erico Verissimo. Deve-se reconhecer e afirmar que ele possui um talento e um espírito de romancista». O crítico enaltece as qualidades e a força romanesca de **Caminhos cruzados**: «Nesse romance o autor alcançou a felicidade do sucesso, depois foi piorar e chegou ao pior em **Saga**» (...). «Não é mais o romancista que impõe a sua arte, como em **Caminhos cruzados**; é o público que lhe impõe o seu gosto e as suas preferências» (p. 84). Na 2ª série de **Jornal de crítica**, Alvaro Lins anota apenas o aparecimento do livro de viagem aos Estados Unidos: **Gato preto em campo de neve**. Promete voltar a ele nas próximas crônicas e realmente não volta. Teria sido esquecimento ou atitude desmerecedora

Caberia, nesta altura, uma reflexão do mestre Guilhermino César em «O romance social de Erico Verissimo»: «A denúncia só pode circular, em certos momentos, por meio da sátira à Swift. Pois é no seu panfleto — **Exame de certos abusos, concepções e atrocidades da cidade de Dublin**, publicado em 1733, que estamos pensando agora ao fim dessas reflexões sobre os três últimos romances de Erico Verissimo. Não porque os seus enredos se pareçam, mas porque em ambos os autores — o irlandês e o rio-grandense — a intenção de castigar os costumes vem a ser um ato de amor: o homem não é irremediavelmente mau; o coitado não tem é muito vagar para ser essencialmente bom» (In: Chaves, 1972, p. 70).

Nessa maneira de ver, Erico Verissimo é comovente, pois se considera mais o lado humano que o lado (grandeza e fraquezas) do artista.

Antônio Candido dá a seu depoimento o título com duas datas, «Erico Verissimo de trinta a setenta», daí o subtítulo do

livro, organizado por Flávio Loureiro Chaves. De sua análise dos romances, dos personagens, dos espaços romanescos, o crítico conclui com estas palavras: «E na atmosfera mágica do insólito, o bisturi finíssimo do Autor vai recortando em molde realista a figura da verdade, com a mesma coragem serena, o mesmo engajamento desencantado e firme, a mesma crença irônica e inabalável dos livros precedentes [refere-se aqui a **Incidente em Antares**] que vieram marcando, de Trinta a Setenta, o caminho do humano, nunca demasiado humano. (In: Chaves, 1972, p. 51).

Jorge Amado tem admiração especial, como Alvaro Lins, pelos **Caminhos cruzados**, «romance poderoso, rico de substância humana, de ambientes e de ação romanesca, galeria de figuras e conflitos que permanece, a meu ver, entre os maiores livros da década de 30» (Erico Verissimo pelo mundo a fora, (In: Chaves, 1972, p. 32). Refere-se também a **Incidente em Antares**, leitura feita longe do Brasil: «Li **Incidente em Antares** nos Estados Unidos, numa cidade universitária, entre jovens ardentes, em meio aos problemas colossais do mundo de hoje. De repente, nas páginas do romance de Verissimo, o Brasil inteiro (não apenas o Rio Grande) invadiu o pequeno apartamento estrangeiro e o calor do trópico fundiu a neve lá fora. Tenho amado, no correr desses quarenta anos, os livros de Erico Verissimo, todos eles, alguns mais do que outros; nenhum me comoveu tanto quanto esse último, talvez porque o tenha lido assim, distante do Brasil, nele reencontrando minha gente, o bom e o ruim, a alegria e a tristeza, a opressão e a luta pela liberdade, o Brasil inteiro, cerne da obra de Erico Verissimo» (In: Chaves, 1972, p. 34).

Otto Maria Carpeaux, sob o título «Erico Verissimo e o público», assim enaltece a figura e a personalidade do escritor: «Erico Verissimo fala aos brasileiros. Também fala em nome dos brasileiros. Diz o que importa ao brasileiro: para o leitor e seu romancista são importantes o amor e a família, mas também a aventura, sob a condição de que o caminho o leve de volta para casa; só dentro dela encontra o brasileiro o ar da sua vida, isto é, o anseio do povo brasileiro, anseio tão profundo que enfim, na obra de Erico Verissimo, até os mortos estão falando dela e sonhando com ela: é a liberdade» (In: Chaves, 1972, p. 39).

Flávio Loureiro Chaves coloca em **Erico Verissimo: realismo e sociedade** (sua dissertação de mestrado), uma nota pre- via que vale uma crítica completa: «Do painel urbano de **Caminhos cruzados** à denúncia política do **Incidente em Antares**, passando pela reflexão histórica traçada em **O tempo e o ven-**

to, a ficção de Erico Verissimo alcançou uma notável pluralidade de perspectivas. Mas o seu tema itinerante, ao longo de quarenta anos de produção literária, sempre foi a crise da liberdade individual neste nosso mundo devastado pela violência física e ideológica. É a partir daí que se define a extrema coerência de uma atitude humanista e o modelo realista que, sob muitos aspectos, renovou o romance brasileiro moderno» (Chaves, 1976, p. XI).

Jean Roche, realizando uma análise estatística de **O continente**, considerado obra-prima de Erico, demonstrou com algarismos significativos que o autor «realizou constantes pesquisas estilísticas, com cuidado ou ânsia de aperfeiçoar a obra que escreveu» (In: Chaves, 1972, p. 215).

Regina Zilberman, assidua, zelosa e conspícua estudiosa da literatura sul-rio-grandense, conclui seu artigo sobre «**O continente — do mito ao romance**», com as seguintes ponderações: «O romance-história de uma estirpe constrói-se dentro de uma oscilação entre o mito, porque não pode ser epopéia, já que não mais vivemos concretamente o tempo da origem e é somente aquela forma que o traz de volta, e o romance, que atesta a realidade temporal circundante». No romance «é imposto a cada homem construir a sua vida defrontando-se com os valores, validando-os ou não, num esforço onde o recorrer ao passado poderá servir, mas não constituirá a resposta desejada» (In: Chaves, 1972, p. 193).

Donaldo Schüler volta a **O continente** com o estudo do tempo. Eis a sua observação final: «São muitos os aspectos tradicionais no romance de Erico Verissimo. Não se lhe percebe intenção de renovar o diálogo, recriar a linguagem ou reinventar a sintaxe. Tudo se passa com tanta familiaridade que o texto cai no esquecimento, diante do variado mundo ficcional. Consegue-se ler Erico Verissimo sem esforço, e esta é uma das causas de sua popularidade» (In: Chaves, 1972, p. 174).

Fábio Lucas caracteriza o romance realista em Erico Verissimo como destinado, em grande parte, a negar a moral de classe e a afirmar o direito de todos à justiça e à felicidade. Crítica a sociedade que põe valores inatingíveis num sistema de relações comerciais. E conclui: «A sociedade está em choque consigo mesma, pois conhece os seus ideais e não pode praticá-los (In: Chaves, 1972, p. 149).

Fábio Lucas traz à memória uma entrevista de Erico Verissimo a propósito de **Incidente em Antares**, quando o escritor assinala: «Não sou homem de idéias. Sou antes um enamora-

do da comédia humana e dos aspectos plásticos do mundo» (Suplemento Literário de *O Estado de São Paulo*, 12 mar. 1972). O crítico contesta o escritor: «Diríamos que nem tanto assim. Especialmente com um romancista que deseje preservar a tradição do realismo social, torna-se difícil, se não impossível, evitar a irrupção de um ideário. (...) o ficcionista gaúcho cultiva as oportunidades de comunicar as teses de sua formação liberal» (In: Chaves, 1972, p. 154).

Moysés Vellinho foi dos maiores e dos mais profundos conhecedores da pessoa e da obra de Erico Verissimo. Foi o crítico sereno, tranqüilo e perspicaz que acompanhava com carinho e severidade o desenrolar da obra do grande romancista.

Ao abrir seu artigo «Um contador de histórias», Moysés faz a pergunta: «Apenas um contador de histórias»? A sucessiva repetição dessa afirmação leva a desconfiar... É «um revide malicioso àqueles que resolveram banir da ficção, como elemento subalterno, o humilde fio da meada, o encadeamento episódio, numa palavra — a história» (In: Chaves, 1972, p. 103). Era naquela época da fúria do *roman nouveau* em que autores estrangeiros e brasileiros procuravam escrever romance sem história...

O crítico Moysés Vellinho põe em realce as qualidades e os recursos do romancista: «Não resta a menor dúvida que o escritor, particularmente o da maturidade, põe a descoberto, na ficção como nos depoimentos e impressões de viagem, os dons de um narrador de recursos inesgotáveis, dos maiores de nossa língua. A serviço desses dons, pródigos na sua versatilidade, na sua graça e fluência, um estilo vivo, extraordinariamente plástico, sempre atento, atento como um felino, à presença de quanto lhe fale aos sentidos. (...) O que lhe importa mesmo, sem recusa nem opções, é o assunto, o objeto» (In: Chaves, 1972, p. 104).

Moysés Vellinho, em sua acuidade de crítica, preocupou-se com o fato de a novela *Noite* aparecer de surpresa no meio da elaboração da trilogia, quando dois terços da mesma estavam feitos: «*Noite* é, sem dúvida, um acidente brusco, desconcertante. Dá mesmo para melindrar sensibilidades desprevenidas. Não pelo que há de fantástico e irreal em tudo aquilo, desde o cenário até os figurantes, mas porque, além de quebrar de chofre o largo compasso de *O tempo e o vento*, veio contrastar violentamente com o clima a que o romancista afeiçoara seus leitores» (In: Chaves, 1972, p. 106-7).

Nesse solavanco ou sobressalto de *Noite*, se pode surpreender o outro lado, o lado clandestino de sua alma (...) Nin-

guém soubesse o que ia por baixo de suas 'histórias'... (In: Chaves, 1972, p. 105). Aí está um desafio lançado há quinze anos pelo nobre crítico rio-grandense. Quem responderá às suas perguntas, quem desvendará o outro lado, o lado oculto da alma de Erico Verissimo?

Alceu Amoroso Lima manteve-se bastante parcimonioso no estudo das obras de Erico Verissimo ao longo de seu aparecimento. Quando solicitado a contribuir com um artigo para *O contador de histórias* respondeu com um extenso trabalho sob o título «Erico Verissimo e o antimachismo», o que surpreendeu os leitores e críticos mais superficiais. Os argumentos do mestre Alceu são firmes e irrefutáveis. Tece uma série de elogios a *Saga*, romance detestado e vilipendiado por Alvaro Lins... É patente, em toda obra de Verissimo, a tensão entre os dois pólos do espírito ibérico: a alma heróica e a alma lírica, a alma contemplativa e a alma ativa; a alma masculina e a alma feminina; o prosador e o poeta. Em *Saga*, irmanados pelo mesmo idealismo, coloca lado a lado os que têm horror à violência, e nela se jogam para suprimi-la, e os que lutam por amor da luta como finalidade em si» (In: Chaves, 1972, p. 92).

Conclui Alceu Amoroso Lima com estas palavras: «Em suma, a contradição humana bissexuada, em sua miséria e em sua grandeza, infinitamente maior que o machismo, em sua tola vaidade viril.

«Essa concepção da vida é que penetra toda a obra de Verissimo, tanto em seu aspecto universal como em seu aspecto regional.(...)»

«(...) E a obra de Erico Verissimo não só já foi muito traduzida, mas encontra eco fora de nossas fronteiras, porque revela uma galeria de tipos e uma concepção da vida que não se confinam entre fronteiras, nem nacionais, nem muito menos regionais.» (In: Chaves, 1972, p. 95).

Outra posição de crítica à produção de Erico Verissimo é a de Gilberto Mendonça Teles, em *A retórica do silêncio*: «Quando escrevemos sobre o romance *O resto é silêncio*, de Erico Verissimo, anotamos que, para Hamlet, todo o tempo da história flui como linguagem até o instante de sua morte e que Shakespeare enfatizou a literaridade de seu discurso fechando-o no tempo da linguagem, pois fora desta o *resto* era realmente *silêncio*. Assim também se dá com o romance de Erico Verissimo, com a diferença de que, neste, a redução ao silêncio é declaradamente anterior à narrativa, colocando de início o leitor num processo consciente de recriação ou de co-pro-

dução literária.' Para Erico, o título era um aviso: tudo isso não passa de ficção; para Shkespeare, o final do discurso: **the rest is silence**. O livro de Erico, ao mesmo tempo que se fecha no silêncio de sua linguagem, **abre-se** para outro nível de silêncio — o do leitor, na refabulação agora de sua leitura. Por isso dissemos: 'No arco de tempo que se estende entre a **escritura** e a **leitura** há toda uma retórica do silêncio, um sistema de signos em disponibilidade sobre uma estrutura de discurso quase sempre metonímico'. E concluímos o artigo dizendo: 'É portanto, na eficácia retórica em fazer a língua instaurar-se no silêncio da linguagem que se empenham os grandes escritores de nossa época, tal como Tônio Santiago, digo, tal como Erico Verissimo'» (p. 11).

Concluirei esta visão muito rápida a **vol d'oiseau** sobre a crítica brasileira sobre Erico Verissimo, pesquisada em alguns livros apenas, com as palavras de Flávio Loureiro Chaves, que se irmanam com as de Alceu Amoroso Lima: «Ao final de **O tempo e o vento**, Floriano conclui que a liberdade individual não é a alienação mas o compromisso e por isso inicia um romance diferente de todos os que escrevera: a nomeação histórica de sua região, de sua família e de si mesmo. Aí se cumpre o acordo entre a obra e o homem. Esta é a síntese do itinerário de Erico Verissimo, autor e personagem deste drama no qual o romancista, embora desencantado do mundo presente, jamais deixou de observar o homem na sua humanidade e a vida como um convite à ação» (Chaves, 1976, p. 154-55).

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CHAGAS, Wilson. **Mundo velho sem porteira**. Porto Alegre, Movimento, 1985.
- CHAVES, Flávio Loureiro. **Erico Verissimo: realismo e sociedade**. Porto Alegre, Globo, 1976.
- CHAVES, Flávio Loureiro, org. **O contador de histórias: 40 anos de vida literária de Erico Verissimo**. Porto Alegre, Globo, 1972.
- COELHO, Nelly Novaes. **Literatura e linguagens**. Rio de Janeiro, José Olympio, 1974.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Introdução à literatura brasileira**. Rio de Janeiro, Agir, 1956.
- LIMA, Alceu Amoroso. **Estudos**. 5 séries. Rio de Janeiro, Agir, 1927.

- LINS, Alvaro. **Jornal de crítica**. 1ª série. Rio de Janeiro, José Olympio, 1941.
- LINS, Alvaro. **Jornal de crítica**. 2ª série. Rio de Janeiro, José Olympio, 1943.
- ORNELLAS, Manoelito. **O Rio Grande do Sul nas letras do Brasil; resenha histórica**. Porto Alegre, PUCRS, 1965.
- PICCHIO, Luciana Stegagno. **La letteratura brasiliana**. Firenzi, Sansoni; Milano, Accademia, 1972.
- TELES, Gilberto M. **A retórica do silêncio**, Rio de Janeiro, Cultrix/MEC, 1979.
- TELES, Gilberto M. **Tristão de Athayde, teoria, crítica e história literária**. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos, 1980.